

1940: E.M.FORSTER E A INVASÃO DA INGLATERRA PELA ALEMANHA

1940: E.M.FORSTER AND THE INVASION OF ENGLAND BY THE GERMANY

*Wendell Ramos Maia**

Resumo: Em 1940, depois da derrocada da França, o escritor inglês Edward Morgan Forster, que então atuava na B.B.C., passou a atacar Hitler com mais virulência dado o temor da ocupação nazista. Partindo de uma análise do material produzido e levado ao ar na B.B.C. durante a Batalha da Inglaterra, e confrontando-o com a historiografia sobre a Segunda Guerra Mundial, discutiremos dois tópicos abordados por ele: a possibilidade da invasão alemã de se concretizar e o tratamento que os ingleses receberiam caso fossem derrotados. O objetivo é verificar até que ponto o quadro pintado por E.M. Forster correspondia à realidade ou não.

Palavras-Chave: E.M. Forster, Segunda Guerra Mundial, B.B.C., Nazismo, Invasão.

Abstracts: In 1940, after the collapse of France, the English writer Edward Morgan Forster, who then worked at the BBC, started attacking Hitler with more virulence given the fear of Nazi occupation. Based on an analysis of the material produced for the BBC during the Battle of Britain, and confronting it with the historiography of World War II, we discuss two topics approached by him: the possibility of a German invasion to materialize and the treatment the British receive if were defeated. The goal is to verify to what extent the picture painted by E.M.Forster corresponded to reality or not.

* Mestrando em História na Universidade Estadual de Maringá.

Keywords: E.M. Forster, World War II, B.B.C., Nazi, Invasion.

Resumen: En 1940, después de la caída de Francia, el escritor inglés Edward Morgan Forster, que entonces trabajaba en la BBC, movió los esfuerzos y comenzó a atacar a Hitler con más virulencia ante el temor de la ocupación nazi. A partir del análisis del material producido que salió al aire en la BBC durante la Batalla de Inglaterra, y confrontándolo con la historiografía de la II Guerra Mundial, discutiremos dos temas abordados por él: la posibilidad de una invasión alemana a materializarse y el trato que los británicos reciben si fuesen derrotados. El objetivo es verificar en qué medida el cuadro pintado por E.M. Forster correspondía a la realidad o no.

Palabras clave: E.M. Forster, Segunda Guerra Mundial, Nazismo, Invasión.

Introdução

Nascido em Londres, em 1879, filho de Edward Morgan Llewellyn Forster e Alice Clara Whichelo (1855-1945), E.M. Forster foi um dos mais destacados escritores e intelectuais ingleses do século XX. Como seu pai, ele ingressou na Universidade de Cambridge, em 1897, mas ao invés de arquitetura, estudou História e Letras Clássicas no King's College. E diferente dele, experimentou e viveu num ambiente menos austero, quase totalmente depurado da influência religiosa que caracterizara o ensino nas universidades britânicas até a primeira metade do século XIX. “Cambridge o transformou, e ele sempre reconheceu esse débito. [Ali] ele ‘se encontrou’, ou pelo menos foi onde esse processo teve início,” (FURBANK, 2010, p.49), como observou seu primeiro biógrafo, P.N. Furbank. As influências das amizades travadas ali com o embrião do *Grupo de Bloomsbury*, além da de alguns de seus professores, especialmente Lowes Dickinson e Edward Dent – que foi quem o incentivou a seguir a carreira literária –, foram decisivas para sua formação. Como frisou Nicola Beuaman, não fosse Cambridge, ele não teria enveredado pelo caminho da escrita (BEUAMAN, 1993, p. 83).

Sua carreira literária foi meteórica, mas curta. O primeiro romance, *Where Angels Fear to Tread* (1905), publicado pela Edward Arnold foi seguido por *The Longest Journey* (1907), *A Room with a View* (1908), que chegou aos cinemas em 1986, protagonizado por Maggie Smith e Helen Bonham-Carter, *Howards End* (1910), que também foi filmado e saiu em 1992 tendo à frente do elenco Vanessa Redgrave, Emma Thompson, Antonin Hopkins e Helen Bonham-Carter, *A Passage to India* (1924), o último romance publicado em vida, cuja versão no cinema foi dirigida por David Lean, de *Doutor Jivago*, e *Maurice* (1971), o

romance póstumo, mas escrito entre 1913-1914, que teve sua versão cinematográfica lançada em 1987 contando com James Wilby, Hugh Grant e Rupert Graves interpretando os protagonistas.

A despeito dessa carreira meteórica, ela se viu interrompida muito cedo, em 1924, momento no qual ele passou a se dedicar a crítica literária e política. Empurrado por uma situação política e social bastante adversa, ao longo das décadas de 1920, 1930 e 1940 ele atuou em defesa da liberdade de expressão, atacou políticos como Sir William Joynson-Hicks (1865-1932), Ministro do Interior [*Home Office*], e Lord Halifax e investiu contra as forças políticas de então, o fascismo e o comunismo.

O estouro do conflito em setembro de 1939 e a crise desencadeada pela derrocada da França em 1940, fez com que ele se juntasse aos esforços perpetrados pelo governo de Winston Churchill para manter a moral e evitar um clima derrotista na Inglaterra – para o Ministro da Informação, Harold Nicolson (1886-1968), casado com Vita Sackville-West (1892-1962), amiga e amante de Virginia Woolf, ele escreveu um panfleto intitulado *Nordic Twilight* [Crepúsculo Nórdico], publicado na série *MacMillan War Pamphlets* em 10 de setembro de 1940, durante a Batalha da Inglaterra, que teve uma tiragem de 25 mil cópias (FURBANK; LAGO, 1985, p. 177; KIRKPATRICK, 1968, p. 61). Ele também se empenhou utilizando o espaço que tinha na B.B.C. para atacar Hitler e falar das consequências de uma possível vitória alemã.

Embora seja amplo o número de trabalhos escritos e publicado por ele durante a guerra, analisaremos apenas os programas que foram ao ar na B.B.C. durante a Batalha da Inglaterra. A ideia, por assim dizer, é confrontar o discurso e a visão que E.M.Forster sustentava com relação a alguns temas, nomeadamente as consequências da ocupação alemã e o tratamento que seria dispensado aos ingleses nela, com a historiografia e as fontes para verificar se o quadro pintado por ele corresponde ou não à realidade. De todo, isso nos permitirá discutir um tema recorrente, ainda que brevemente – como seria a Nova Ordem Nazista e o lugar que a Inglaterra ocuparia nela –, a partir de uma abordagem que pretende confrontar a visão de um escritor inglês que estava escrevendo e atuando no calor no momento com o que pesquisadores como Buchanan, Denman, Mazower e Lukacs dizem a respeito.

Na B.B.C.: a atuação de E.M.Forster durante a Batalha da Inglaterra

Antes de mais nada é importante frisarmos os trabalhos publicados por ele para termos uma dimensão daquilo que foi sua atuação durante aqueles meses decisivos da Segunda Guerra Mundial, entre maio e outubro de 1940: em 16 de abril,

poucos dias depois dos alemães terem invadido a Noruega, ele publicou no *Daily Telegraph and Morning Post*, *Nazism and Moral: dangers of "Gestapo" methods* [Nazismo e moral: perigos dos métodos da Gestapo]; em 10 de setembro, em meio a Batalha da Inglaterra, saiu o panfleto encomendado por Harold Nicolson, que serviria de base para *Two Cultures: The Quick and the Dead* [Duas Culturas: Morte], que iria ao ar em 26 de setembro no *Listener*; em 3 de outubro, também no *Listener*, sairia *What has Germany done to the Germans?* [O que a Alemanha fez com os alemães]; em 10 de outubro *What would Germany do to us?* [O que a Alemanha pode fazer conosco?], que reapareceria no *London Calling* como *What would Germany do to Britain if she won?* [O que a Alemanha pode fazer com a Grã-Bretanha se ela vencer?]; meses depois, em 23 de janeiro de 1941, foi ao ar no *Listener*, *But...* [Mas...], que por sua vez, reapareceria poucos dias depois no *London Calling* como *When Voltaire met Frederick the Great* [Quando Voltaire se encontrou com Frederico, o Grande] e em *Two Cheers for Democracy*, sua segunda coletânea de ensaios e artigos, como *Voltaire and Frederick the Great* [Voltaire e Frederico, o Grande].

Basicamente é isso. Existem, claro, outros artigos como *Blind oak gate*, publicado no *Abinger Chronicle*, em 16 de abril, ou resenhas como *Omega and Alpha*, sobre a biografia de Roger Fry (morto em 1934), de Virginia Woolf, publicado no *New States man and Nation*, em 10 de agosto. Mas o que nos interessa é o que foi publicado e o que foi ao ar a partir de setembro, porque é aqui que o vemos se expressar as claras como nunca tinha feito antes.

A julgar pelas datas em que seus trabalhos foram publicados, fica claro que sua atuação na B.B.C. foi manifestadamente uma resposta aos rumos que a guerra tomava depois da derrocada da França, momento em que os olhos de Hitler se voltaram para a Inglaterra. Enquanto o conflito estava restrito ao outro lado da Mancha, ele não parecia muito preocupado, embora estivesse atento aos passos dos alemães desde 1938, que é quando o nome de Hitler começa a aparecer com mais frequência em seu diário – fazendo referência as informações que começava a aparecer na imprensa sobre o desastre da tentativa inglesa de invadir a Noruega para privar a Alemanha do fornecimento de minério sueco, que durante o inverno, com seus portos fechados, a Suécia transportava via Noruega, em 3 de maio ele escreveu em seu diário: “A verdade sobre a Noruega começa a vir a tona.” E depois acrescenta: “O Ministro da Informação pediu para que eu escrevesse um panfleto [*Nordic Twilight*, que seria publicado em setembro]” (FORSTER, 2011, p.91). Dias depois, quando Hitler dava sequência a ofensiva no Ocidente, em 13 de Maio, ele escreveu: “Agora Bélgica e Holanda pertencem a Hitler, no próximo mês ele estará na Inglaterra.” Em 26 de maio, escreveu: “Os alemães entraram em Boulogne.” No dia seguinte: “Os primeiros disparos foram ouvidos na costa. Os nazistas em Boulogne.” Estupefato, ele se pergunta: “Onde

esta a Marinha Britânica?” No dia 31, enquanto a evacuação em Dunquerque progredia, ele escreveu: “Toda noite e dia os trens passam, trazendo de volta os soldados feridos. Os trens vazios esperam pelas colinas para atravessá-las.” Em 25 de junho escreveu: “Na última noite ouvi pela primeira vez um ataque aéreo. Estava em meu flat, desci as escadas e fiquei ali um pouco, depois subi e dormi de novo.” E acrescenta: “Posso [levar] a guerra a sério, me inquietar com ela ou ignorá-la. O perigo é grande mas a noção dele cresce e diminui.” Em 22 de agosto, quando a Batalha da Inglaterra se desenrolava, ele escreveu: “Em Malden [bairro em Londres] uma bomba caiu na estação [provocando] 250 baixas no distrito, 100 mortos. (...) NÓS PERDEMOS A GUERRA – mas eu não penso isso em voz alta” (FORSTER, 2011, p.91-93).

A partir desses trechos de seu diário, e pensando também no elenco de trabalhos publicados, podemos estar nos perguntando: se ele estava atento aos passos de Hitler e se vinha acompanhando os desdobramentos da política errática de Chamberlain, era de se esperar que a sua resposta tivesse vindo mais cedo, ainda em maio ou junho. Mas ela só veio em setembro. Por quê? Por que se em maio a situação já era crítica o suficiente para derrubar Chamberlain e em junho os alemães haviam entrado em Paris? Porque não escreveu sobre a queda da França e o que isso poderia significar?

Em geral, quando estamos no olho do furacão, ou no meio de um nevoeiro, é impossível ter a dimensão do que está à nossa frente. Pensando nisso, devemos levar algumas coisas em consideração para que tenhamos a chance de responder a essas questões. Em primeiro lugar, é difícil imaginar que ele soubesse o quão realmente a situação era grave ou complicada seja na *front* seja no Gabinete de Guerra, onde, nos últimos dias de maio, Churchill enfrentou uma série de dificuldades (LUKACS, 2001). Em segundo lugar, e já enveredando pelo terreno pantanoso das hipóteses, talvez ele tenha sido vítima do que ele mesmo chamou num ensaio de 1920 de *lentidão do caráter do homem inglês*. Ao que tudo indica, ele não percebeu a gravidade da situação, especialmente entre fins de maio e nas primeiras semanas de junho. Nesse sentido, é provável que ele tenha resolvido dar sua resposta quando se defrontou com uma situação concreta – a invasão da Inglaterra. Foi aí que ele se juntou aos esforços capitaneados por Churchill para manter o moral de pé.

Em 10 de outubro, pouco mais de 20 dias antes da Batalha da Inglaterra terminar, ele apareceu na B.B.C. e levou ao ar *O que os alemães podem fazer conosco?*, em que ele especula sobre como seria e as consequências de uma possível ocupação alemã. A citação é longa, mas ela sintetiza a visão expressa por ele nos demais artigos e transmissões que foram ao ar nessa época e que serão alvo de nossa análise na sequência:

Embora as condições culturais não sejam perfeitas nesse país (e não podemos fingir que sejam) ele é um paraíso se comparado com as condições da Alemanha [neste momento] e uma bênção se comparado com as condições que a Alemanha irá nos impor se formos derrotados. E aqui quero descrever o que ela poderá fazer se ela tiver essa chance.

Você pode dizer: “Oh, mas como você sabe? Sem dúvida os nazistas deverão impor termos de paz apavorantes a nós se vencerem, mas porque eles irão interferir em nossa cultura?” Minha resposta para isso: “Eu sei por que eu me lembro do que eles fizeram em outros países, particularmente na Tchecoslováquia e na Polônia”. Destruição da cultura nacional faz parte do programa de conquista. Na Tchecoslováquia, por exemplo, eles impediram a execução das óperas de Smetana e as peças de Capek. Eles revisaram os livros das escolas, falsificaram a história tcheca, proibiram cantores e músicas nacionais (...). Na Polônia o destino da cultura foi ainda mais trágico desde a sua conquista: sua conduta na Polônia é o modelo, o qual pode ser aplicado aqui se eles vencerem. Ouça, por exemplo, como eles trataram a Universidade de Cracóvia — e depois troque “Cracóvia” por “Oxford” ou outra universidade que você conheça. No último novembro, cento e setenta professores da Cracóvia foram convocados pelo chefe da Gestapo para o hall da Universidade e presos, alegando que eles continuavam seu trabalho sem permissão dos nazistas. Eles foram mandados direto para os campos de concentração na Alemanha, onde 16 deles foram mortos, e em seus lugares foram nomeados nazistas. Eu conheço Cracóvia. Eu tinha amigos nessa universidade, de quem não tive mais notícias. Eles me acolheram em seus pequenos apartamentos com uma vista encantadora para as avenidas verdes: eles me mostraram sua nobre cidade com suas grandiosas igrejas e suas maravilhosas fortalezas. Devido a sua gentileza e hospitalidade, o que aconteceu em Cracóvia se tornou, para mim, um símbolo da ameaça nazista para o Continente, e eu mal posso ver seus nomes sem tremer de raiva. Menciono isso neste momento — aquele lugar amável e [agora] perdido — porque alguém precisa ver [o que acontece] nesses dias terríveis. Isso não parece ser grave se eu disser “Os nazistas deverão reorganizar e equipar nosso sistema educacional.” Parece mais convincente se eu disser: “Eles vão tratar Oxford da mesma maneira que Cracóvia.” Eles estão erradicando a cultura por toda parte na Polônia tanto quanto podem. Eles consideram ser essa sua missão em terras polonesas uma vez que eles são inferiores aos alemães. “Um polonês é um polonês”, escreveu um jornalista nazista, “e qualquer tentativa de familiaridade deve ser refutada” (FORSTER, 1951, p.39-40).

O quadro é pintado por ele com relação ao tratamento dispensado aos países ocupados é irrealista em alguns pontos — basta vermos o caso da Tchecoslováquia, que teve um tratamento ameno —, muito embora não estivesse equivocado com relação a outros. Em primeiro lugar, o tratamento dispensado aos ingleses, ao contrário do que ele parecia acreditar, e que demonstrou nesta transmissão, não seria o mesmo que o aplicado aos poloneses e aos eslavos, em geral; a maneira como os alemães trataram poloneses e a total falta de consideração pelas con-

venções internacionais de Haia e Genebra na Rússia são prova disso – na França ocupada elas estavam em vigor (MAZOWER, 2013, p.154). Ou seja, há uma diferença gritante.

Para entender o tratamento dispensado por Hitler aos poloneses, e depois a Rússia de Stalin, é preciso que tenhamos em mente o que ele pretendia no Leste europeu. Como veremos mais adiante quando formos discutir a situação da Inglaterra na Nova Ordem Nazista, quando se trata dos planos de Hitler para a Europa, em especial o *Lebensraum* [Espaço Vital], os historiadores se dividem. Não está claro o que ele pretendia. A.J.P. Taylor disparou contra aqueles historiadores que insistem no *Lebensraum*. “Por ‘plano’ eu entendo algo que é [previamente] preparado e elaborado em detalhes. Eles [os historiadores que acreditam na existência do *Lebensraum*] parecem tomar por plano uma pia, no caso uma impiedosa, vontade. Na minha visão, Hitler nunca teve um plano para o *Lebensraum*” (TAYLOR, 1991, 24). Segundo ele, não há estudos de recursos a serem explorados nos territórios a serem conquistados; não há nem mesmo uma definição de que territórios seriam esses. Além disso, quando boa parte da Rússia europeia foi conquistada, os administradores alemães andavam em círculos porque não sabiam se exterminavam a população existente ali ou se as exploravam, se as tratavam como amigas ou inimigas (TAYLOR, 1991, p.24).

Como veremos mais adiante, não havia nada muito definido. Hitler parecia não só avesso como evitava revelar suas ideias. E quando chegava a fazê-lo nada o impedia de esquecê-las depois. Se por um lado podia ser contraditório – em 2 de outubro de 1939, pouco mais de 1 mês e meio depois de assinar o Pacto Ribbentrop-Motolov, o Conde Ciano anotou em seu diário: “No momento ele [Hitler] está pró-Rússia. Expressa-se em favor dos comunistas com tanta imprudência e cinismo que deixa perplexo quem o ouve.” Um ano depois, em 4 de outubro de 1940, Ciano escreveu: “Hitler está muito enérgico e novamente anti-bolchevista ao extremo. ‘O Bolchevismo’, diz ele, ‘é a doutrina de povos deteriorados’” (CIANO, 1980, p. 355 e 469) –, por outro podia ser muito pragmático. Não era dogmático em algumas questões. Como frisou Taylor, ele não recusaria ganhos territoriais se eles aparecessem. Com a derrota da França, ele anexou Alsácia e Lorena, a despeito de suas declarações prévias de que não o faria; ele falaria em um acordo de paz com a Inglaterra no verão de 1940, que pretendia deixar o Império Britânico intacto, mas cogitava reclamar o Iraque e talvez o Egito para a esfera alemã. Nesse sentido, independente de suas teorias, ou do que pensava que poderia ser desejável, o especulador cedeu lugar a um estadista que considerava anteriormente o que poderia fazer e como (TAYLOR, 1991, p.25).

Mazower mostrou o que foi a dominação alemã no leste europeu em *O Império de Hitler*. Ele não se centra nos objetivos de Hitler, mas no que acabou se dando

na prática, em especial no que ocorreu Polônia, que é um caso peculiar. Quando da invasão, Hitler emitiu sinais para seus comandantes superiores de que seus planos para a Polônia envolviam a “aniquilação física” da população polonesa e que planejava eliminar milhares de membros da elite intelectual, social e política do país, o que parece ter alarmado o Exército. Como relutaram em realizar essa tarefa, ele acabou deixando esse encargo a SS de Himmler, tendo instruído pessoalmente Reinhard Heydrich, o delegado que comandaria suas operações na Polônia (MAZOWER, 2013, p.108).

Invadida pelos três lados e tendo se mobilizado um tanto tarde, a Polônia estava numa situação desesperadora. A Alemanha tinha duas vezes mais soldados e três vezes mais tanques e aeronaves. Mesmo assim, os poloneses resistiram. Em 9 de setembro, o governo convocou uma resistência armada geral, e mesmo com suas tropas se rendendo, os civis continuaram a lutar, promovendo as piores reações dos soldados alemães e causando baixas (MAZOWER, 2013, p.109).

Com os poloneses resistindo, os alemães passaram a apelar para métodos cada vez mais cruentos. A pequena cidade de Zloczew foi uma das primeiras a sentir o que muitas outras sofreriam por toda a Europa nos seis anos seguintes: foi totalmente queimada e cerca de duzentas pessoas foram mortas, inclusive crianças. Poloneses definidos como criminosos eram sumariamente fuzilados.

E não foi só a resistência que acabou despertando a ira dos alemães. Na medida em que avançavam e foram descobrindo o que os poloneses tinham feito com os alemães que viviam ali anteriormente, o tratamento endurecia. Em Bydgoszcz, um dos casos mais notórios, centenas de alemães locais foram mortos por conta de rumores de que franco atiradores estavam disparando em soldados poloneses. Entre setecentas e mil pessoas foram mortas. Quando a infantaria alemã entrou na cidade e descobriu os corpos, os soldados prenderam vários poloneses, inclusive professores, padres, advogados, funcionários públicos, dentre outros, e qualquer pessoa apontada por um alemão local de que ela teria participado de atividades antigermânicas era fuzilada imediatamente.

Nos dias que se seguiram o exército enviou mais de 500 pessoas para a SS para serem executadas. Uma batida em outros bairros da cidade levou cerca de outras 900 à prisão, das quais 120 foram fuziladas. O exército fuzilou cerca de 50 padres, professores, funcionários públicos, ferroviários. Novas instruções chegaram determinando que qualquer civil encontrado com uma arma de fogo deveria ser fuzilado no ato. Ao todo, entre 5 e 13 de setembro, estima-se que cerca de mil civis poloneses tenham sido mortos, chegando a 5 mil na região (MAZOWER, 2013, p.111).

De todo, a força e a resistência polonesa quando da invasão, além do tratamento dispensado anteriormente aos alemães que viviam ali, selaram o seu destino: Hitler rejeitou qualquer possibilidade de conferir a Polônia um tratamento parecido com o que deu a Tchecoslováquia quando Varsóvia caiu. Tanto que o nome Polônia deveria desaparecer – e foi o próprio Hitler quem o exigiu. Em seu lugar, a partir de 1940, surgiu o Governo-Geral (MAZOWER, 2013, p.119).

Uma vez conquistada a Polônia, Hitler deu início a campanha da germanização das áreas ocupadas – isso também aconteceria no Ocidente, mas de uma maneira mais branda. A ideia era incorporar aquela população, e de fato já em outubro de 1939 Hitler estava bastante preocupado com isso. Mas o desafio demográfico era quase tão grande quanto o que os alemães encontraram no Protetorado que ficava mais ao sul (MAZOWER, 2013, p.240).

Considerações econômicas e de segurança tinham empurrado a fronteira alemã muito além dos antigos traçados de 1914 – e funcionários do Gabinete de Política Racial do Partido Nazista estavam irrequietos com o fato de que isso acabaria trazendo populações eslavas para dentro do *Reich* –, dando a Alemanha a maioria do ferro e do aço, além das indústrias de tecidos ao mesmo tempo em que acabou incluindo mais poloneses e judeus. Como o número de poloneses nessas regiões era grande, cerca de 86% da população, a ordem que chegou era para que essa população fosse dizimada, – a ideia era eliminar todos os elementos não aptos a germanização. Escolas polonesas foram fechadas, serviços religiosos no idioma polonês foram proibidos, restaurantes, cafés, cinemas, teatros, jornais, livros, associações e uniões polonesas também ficaram na mira dos alemães (MAZOWER, 2013, p.240).

Tais planos, o de germanização, dependiam, obviamente, da capacidade de definir a germanidade e de isolá-la do que a rodeava. Mas os especialistas do Partido Nazista estavam indecisos quanto a isso. Por um lado as coisas pareciam muito óbvias: um alemão era quem nas tradições, costumes e comunidade familiar vive como alemão ou que tivesse sangue alemão. Mas as coisas não eram tão simples. Os especialistas achavam que seria necessário algum tipo de política para extrair grupos nórdicos dessas populações e germanizá-los, o que na Polônia acabou se mostrando algo extremamente complicado. Ali, os poloneses tinham vínculos familiares com alemães e em muitas áreas as populações estavam tão misturadas como no Protetorado (MAZOWER, 2013, p. 241 e 245).

Na prática, o que se viu foi o uso da força de modo desmedido na Polônia para realizar essa empresa. Enquanto os tchecos desfrutavam de um grau considerável de autogoverno, algo muito mais coercivo foi posto em prática na Polônia –

embora em um determinado momento Hitler foi obrigado a ceder e aceitar algum tipo de assimilação dada a inviabilidade da política racial que vinha sendo aplicada. Mas mesmo assim, isso em nada diminuiu a violência e a brutalidade com que os alemães os tratavam. Como frisou Mazower, os poloneses seriam convertidos numa desinformada força de trabalho escravo para os alemães (MAZOWER, 2013, p.117). Não é a toa que já em 7 de setembro de 1939 Heydrich emitiu ordens para que seus esquadrões de morte liquidassem líderes poloneses – dado o destino que lhe reservavam, eles não iriam precisar de seus políticos e de sua *intelligentsia*. Em novembro, prisões em massa de acadêmicos, a que Forster fez alusão, foram efetuadas tanto na Cracóvia como em Praga, e muitos foram mandados para campos de concentração. As universidades dos dois países foram fechadas por tempo indeterminado, de acordo com a decisão de eliminar a educação superior em toda a Europa Oriental (MAZOWER, 2013).

De todo, esse destino funesto ficou reservado aos poloneses e não aos demais povos eslavos. Os eslovacos tinham permissão de se autogovernar e o Protetorado da Boêmia-Morávia, que era governado pelos alemães através de uma burocracia tcheca, tinha um presidente tcheco decorativo, o que foi negado sumariamente aos poloneses.

Sendo essa a realidade no Leste europeu, onde as coisas foram completamente diferentes por conta da política racial alemã que pretendia exterminar grupos inteiros, podemos afirmar com segurança que os ingleses não seriam tratados do mesmo modo que os poloneses. Não o foram os franceses, belgas, holandeses, dinamarqueses. No entanto, E.M. Forster parece ignorar deliberadamente a noção do tratamento dispensada pelos alemães aos europeus ocidentais. Por quê? A resposta é simples: ele não poderia fazer outra coisa enquanto estivesse escrevendo para um jornal ou uma revista, e muito menos na BBC. Que outra coisa ele poderia dizer em cadeia nacional de rádio? “Eles vão tratar Oxford da mesma maneira que Cracóvia.” Ele mesmo sugere na transmissão que dizer isso dessa forma teria um impacto maior ao ouvinte, que seria mais eficaz. Nesse sentido, a distorção aqui, se foi deliberada, não foi por falta de informação sobre o que acontecia no Leste, mas no próprio Ocidente.

Os europeus ocidentais, após a derrota, colaboraram com a Alemanha. Bélgica e Holanda contribuíram de maneira significativa com o esforço de guerra alemão. O próprio Goebbels ficou impressionado com o fato de as fábricas holandesas cumprirem com tamanha obediência as encomendas do *Reich*. Os belgas seguiram suas “políticas de produção”, com suas holdings gigantescas se adaptando aos desejos de Hitler (MAZOWER, 2013, p.318 e 326). A França era um caso a parte. Nenhuma das conquistas da Alemanha podia se igualar a esta. A guerra foi rápida, e como chegou a sugerir Marc Bloch, a França não lutou, ela simplesmente

te se entregou.¹ Após a queda da Holanda e da Bélgica, em uma semana os alemães tinha alcançado o Canal da Mancha. Em 14 de julho entraram em Paris. Diante disso, o Marechal Henri-Philipp Pétain, herói de Verdun, formou um governo e pediu um armistício. Como se não bastasse a situação calamitosa enfrentada pelo exército, cerca de 6 milhões de civis marchavam em direção ao sul, a zona não ocupada, espalhando pânico. A desmoralização foi completa (MAZOWER, 2013, p.152-153).

A despeito das severas exigências iniciais, Hitler conteve seus impulsos. E com isso demonstrou notável talento diplomático. Suas condições certamente eram duras, mas não impossíveis.² E a despeito de seus objetivos, afinal o que ele queria era a França derrotada e arruinada a ponto de jamais voltar a ser uma ameaça para a Alemanha (MAZOWER, 2013, p.153), ele sabia naquele momento era melhor não se exceder. Era vital evitar, a todo custo, repetir o que aconteceu na

¹ Não pretendo de forma alguma escrever uma história crítica da guerra, nem mesmo da campanha do Norte. Faltam-me os documentos para tanto e também competência técnica. Mas há desde agora algumas constatações claras demais para que eu hesite em formulá-las sem mais delongas.

Muitos erros diferentes, cujos efeitos se acumularam, levaram nossos exércitos ao desastre. Mas uma grande carência paira sobre todos eles. Nossos chefes, ou os que agiam em seu nome, não souberam pensar a guerra. Em outros termos, o triunfo dos alemães foi essencialmente uma vitória intelectual e talvez esse seja o motivo mais grave.

É possível, creio, ser ainda mais preciso. Uma característica decisiva entre nós opõe a civilização contemporânea àquelas que se precederam: desde o início do século XX a noção de distância mudou radicalmente. A metamorfose se produziu mais ou menos no espaço de uma geração e, por mais rápida que tenha sido, inscreveu-se bem demais e de modo progressivo em nossos costumes para que seu caráter revolucionário não acabasse mascarado, por pouco que fosse, pelo hábito. Mas o momento presente se encarrega de abrir nossos olhos (...). Quando vimos os alemães lutarem sua guerra, não soubemos ou não quisemos compreender seu ritmo, adequado às vibrações aceleradas uma nova era. Tanto que, na verdade, foram dois adversários pertencentes cada um a uma época da humanidade que se enfrentaram nos campos de batalha. Em resumo, repetimos os combates de zagaia contra o fuzil, familiares a nossa história colonial. Só que dessa vez éramos nós que desempenhávamos o papel de primitivos.

(...)

Vou falar aqui do que eu vi com meus próprios olhos. A fábrica de guerra ou de pré-guerra se encontrava, pode-se adivinhar, bem longe do meu campo de visão. Mas reuni um número grande de depoimentos coincidentes sobre esse assunto, provenientes dos mais diversos meios, desde engenheiros até os operários, para me sentir autorizado a duvidas das conclusões a que chegavam. Não se trabalhou o suficiente nos artefatos da guerra; não se construíram aviões, motores ou tanques suficientes [e de Gaulle foi um dos poucos que se esforçaram para tentar rever esse quadro, especialmente no que diz respeito aos canhões]. Os assalariados, sozinhos, não foram, creio eu, os principais responsáveis por isso, mas teriam dificuldades para clamar inocência. (...)

Seria muito injusto supor, sem dúvida, que tal desprezo pelos interesses nacionais fosse absolutamente generalizado em toda uma classe. Concordo de bom grado que houve exceções. Mas só o fato de que fosse amplamente disseminado já basta para que suas conseqüências tenham pesado na balança da guerra (BLOCH, 2001, p. 41-42 e 124-125).

² Zonas estratégicas como o litoral Atlântico, o Canal da Mancha e uma rota terrestre até a Espanha, permaneceram sob controle operacional da *Wehrmacht*, sendo que uma outra parte ficou desocupada. Além disso, a frota francesa se renderia, mas permaneceria imobilizada nos portos franceses sob supervisão alemã e italiana (LUKACS 2002, p.119; MAZOWER, 2013, p. 154).

Noruega. Pétain tinha de ser encorajado a continuar na França para governar o país e impedir que a guerra se alastrasse para as colônias francesas. A manutenção de um governo francês para dirigir a ocupação em nome dos alemães era prioridade (MAZOWER, 2013, p.153).

Na França, como na Dinamarca, os alemães conseguiram acrescentar ao seu triunfo militar uma significativa realização política: temperando ideologia com pragmatismo conseguiram criar um governo leal e dócil e razoavelmente aceito pelos franceses com o qual podia trabalhar. De fato, as coisas parecem ter funcionado, embora não por muito tempo. A despeito de todas as previsões, sejam elas dos próprios alemães, americanos ou ingleses, sustentarem que a Rússia seria derrotada em até 3 meses, no inverno de 1941-1942, quando Hitler percebeu que sua investida no leste se alongava, as necessidades de curto prazo de sua máquina de guerra se tornaram muito mais urgentes. E isso marcou um ponto de inflexão na administração alemã, pois significou uma exploração mais violenta do Continente de seus recursos para sustentar sua máquina de guerra (MAZOWER, 2013, p.319).

Na prática isso significou trazer para a Alemanha trabalhadores estrangeiros, sejam eles eslavos ou ocidentais, que sofriam grandes privações – muitos trabalhadores voluntários abandonavam o posto e na volta espalhavam notícias a respeito da pouca comida e dos maus tratos sofridos. Só no território soviético, em 1942, foram transportados para o Reich cerca de 1 milhão de trabalhadores civis. Em meados de 1943, cerca de 2,3 milhões de novos trabalhadores tinham sido alocados em fábricas alemãs e no fim do ano a cifra subiu para 5 milhões (MAZOWER, 2013, p.358-361).

As condições de trabalho eram as piores possíveis, e os alemães utilizavam de todos os meios possíveis para arrebanhar as quantidades necessárias. Havia verdadeiras caçadas humanas. Dado a situação no *front* oriental e das necessidades que surgiram com ele, os alemães não mediam esforços e não poupavam o uso da força e da violência para conseguir encher seus caminhões e enviá-los para as fábricas – algo parecido com o que acontecia na União Soviética, quando Stalin impunha cotas de aprisionamento e até de execução de prisioneiros nos campos de concentração (APPLEBAUM, 2009, p.98-99). Comentando o que ouviu dos franceses que haviam sido levados para trabalhar na Alemanha sobre os russos que estavam lá pela mesma razão, a escritora americana radicada na França Gertrude Stein, em seu *War I have seen* [Guerra que vi], escrito durante o último ano de ocupação, escreveu: “O que horroriza os franceses que estão na Alemanha é a forma com que os alemães tratam os russos, tanto mulheres como homens, os alemães os temem e por isso chegam a limites extremos de brutalidade” (STEIN, 2003, p.246).

Sendo esse era o tratamento que os alemães dispensaram aos poloneses, e aos eslavos em algumas oportunidades, e tendo claro que tratariam os europeus ocidentais de uma maneira diferente, podemos passar para a outra questão que temos de analisar. Temos de pensar no que Hitler tinha em mente quando o assunto era a Inglaterra para que tenhamos a chance de ver até que ponto E.M.Forster se equivocou nessa transmissão.

E.M.Forster nutria certo desdém pela própria vida, como demonstrou em diversas oportunidades — em carta a Bob Buckingham, datada de 20 de fevereiro de 1943, ele escreveu: “Encontro-me terrivelmente indiferente com relação a minha morte, mas fico facilmente incomodado quando pessoas que eu amo estão em perigo” (FURBANK;LAGO, 1985, p.201). A perspectiva de morrer com um dos bombardeios a Londres ou com a invasão simplesmente não o alarmavam — seu apartamento chegou a ser atingido por um deles como ele comentou em carta a Christopher Isherwood, em 28 de fevereiro de 1944: “Meu apartamento foi atingido e as janelas e as portas [foram para] os ares” (FURBANK;LAGO, 1985, p.201). Essa desilusão parece ter se instalado nele ainda no começo da vida adulta, provavelmente depois da morte de Louisa Whichelo, sua avó materna, em 1911, tendo o acompanhado pelo restante da vida e se manifestado de uma maneira particular nesse momento — especialmente entre maio e setembro, quando a invasão parecia iminente e os bombardeios a Londres tinham se iniciado. Em seu diário, em 8 de setembro, ele escreveu: “Londres em chamas! Vi o que acontecia do meu apartamento na Chiswick na última noite com desilusão e indignação” (FORSTER, 2011, p.94).

Se não tinha medo de morrer nas mãos dos alemães porque era indiferente com relação à própria vida, por outro lado temia os efeitos da ocupação nazista para as liberdades individuais e a literatura. Na transmissão *What would Germany do to us?* [O que os alemães podem fazer conosco?], ele expõe os seus temores:

O destino escritores individualista poderá ser terrível. Aqueles que têm algum destaque provavelmente serão internados [em campos de concentração] ou mortos. Por mais terrível que isso possa vir a ser para eles, na verdade, esse não seria um grande golpe para a literatura, afinal, neste momento, esses escritores, por se destacado [anteriormente], já deram o melhor de si. O que importa, o que pode vir a ser desastroso é a intimidação dos jovens escritores — homens e mulheres de 20 e 30 anos, que ainda não tiveram chance de se expressar (FORSTER, 1951, p.41).

Nesse ponto ele estava certo. A ocupação teria efeitos nefastos para a literatura e a liberdade de expressão, embora nada que se compare com o que ocorreu na Polônia. Talvez Hitler viesse a ser mais duro no começo por conta da insistência

de Churchill de não se render, mas é provável que no fim a Inglaterra seguisse um caminho parecido com os da França, Holanda ou Dinamarca.

Mas o governo britânico não era ingênuo. Churchill sabia que não poderia contar com a palavra de Hitler. Assim, o que estava em jogo no verão de 1940, como frisou Lukacs, não eram os termos de Hitler, a questão era o caráter que governo britânico teria no caso de uma derrota. Hitler talvez fizesse um acordo deixando suas possessões imperiais intactas, mas nessas condições o governo britânico teria que ser um pouco menos do que neutro; teria que ser indiferente a dominação alemã da Europa e cultivar relações com a Alemanha em vez de os Estados Unidos. Teria que dar um jeito nos opositores de Hitler em seu território – nomeadamente socialistas, liberais, seguidores de Churchill, conservadores, judeus e, claro, a imprensa anti-alemã. Ou seja, o governo britânico teria de identificar e reprimir esses elementos sociais para ficar de acordo com os desejos e Hitler (LUKACS, 2002, p.150).

De todo, como escreveu Lukacs, a propensão a exigir concordância com as ideias de alguém é um ato mais extremado e agressivo do que a exigência brutal para que essa pessoa abra mão de parte de suas posses (LUKACS, 2002, p.150). E era isso o que inquietava os britânicos. Para eles, derrota significaria isso: privação de qualquer tipo de liberdade. Resistiram não só porque abominavam o nazismo e não queria isso em sua ilha – diferente da França, onde parte da intelectualidade aderiu ao fascismo e alguns movimentos tiveram relativo sucesso, na Inglaterra, o desempenho medíocre da *British Union of Fascists*, de Sir Oswald Mosley é sintomático –, mas porque sabiam o que a derrota traria. E E.M.Forster compartilhava dessa noção.

Embora tudo isso possa ser verdade, existe um detalhe que ele ignorava. Na verdade, ele não tinha como saber das intenções de Hitler para com a Inglaterra e o Império Britânico porque essas eram informações confidenciais. Embora Hitler tenha feito todo um esforço para tê-la como aliada, os ingleses nunca se interessaram por isso – diferente do que ocorreu nos anos que antecederam a Primeira Guerra, quando Inglaterra e Alemanha pareciam convergir para uma aliança, aliança essa que nunca se concretizou, para o desgosto de Guilherme II, na década de 1930, isso era praticamente impossível. E em *What would Germany do tous*, E.M.Forster parece ter encontrado a explicação para isso: “Não vejo como poderíamos fazer um acordo com Hitler (...). Ele nunca mantém sua palavra” (FORSTER, 1951, p.43). Parece até óbvio demais para ser dito: depois do que ocorreu na Tchecoslováquia e da invasão da Polônia, os ingleses tinham motivos suficientes para se recusarem a entrar em um acordo com a Alemanha nazista – “Ele nunca mantém sua palavra.”

Mas independente do que aconteceria com a Inglaterra, quais eram os objetivos de Hitler? Acaso o avanço alemão a leste, a anexação da Áustria, a imposição do protetorado germânico feita por Hitler sobre o estado tcheco seria parte de uma estratégia para a “supremacia mundial”, o “domínio mundial” ou a “dominação do mundo pela força?”, como perguntou Buchanan (BUCHANAN, 2009, p.285).

De fato, entre as elites inglesas do século XX, especialmente depois da morte da Rainha Victoria, a germanofobia parecia latente – um medo desconcomunal de que a Alemanha estivesse à espreita e conspirando para arruinar o Império Britânico. E isso era perfeitamente natural: o mundo, até o fim da Segunda Guerra, era inglês e, os ingleses, não aceitariam perdê-lo. Esse sentimento pode ser detectado em Chamberlain, Halifax da mesma maneira como em Henderson e Haldane à época da Grande Guerra. As vésperas da guerra em 1914, Churchill atacou o Kaiser descrevendo-o como um “tirano continental” cujo objetivo era senão o de dominar o mundo. Haldane não expressou uma visão muito diferente. Quando os alemães propuseram limitar seu programa naval em troca da neutralidade inglesa em caso de um conflito entre França e Alemanha, numa rodada de negociações em dezembro de 1912, Haldane, quando de seu retorno à Inglaterra, disse: “Pensei, com base em meu estudo sobre o Estado Maior-Alemão que, quando os partidários estivessem montados na sela, haveria não só uma guerra para derrotar a França ou a Rússia, mas para dominar o mundo” (BUCHANAN, 2009, p.285). Em seu diário, após a abdicação de Guilherme, Jorge V escreveu:

Ele foi imperador por pouco mais de trinta anos, fez grandes coisas por seu país, mas sua ambição era tão grande que queria dominar o mundo e criou sua máquina militar com esse objetivo. Nenhum homem pode dominar o mundo, já se tentou antes, e agora ele arruinou seu país e a si próprio e eu o vejo como o maior dos criminosos, conhecido por ter mergulhado o mundo nesta guerra, com todas as suas desgraças (CARTER, 2013, p.505).

Ocorre que Guilherme II era um homem de meia idade e que, em seus 25 anos de reinado em 1913, não havia se envolvido em um único conflito, apesar de seu destempero e de suas medidas que tumultuaram a diplomacia na Europa – muito diferente de Churchill que já havia lutado na África, na Guerra dos Bôeres, no começo de sua vida adulta, cujo episódio fez dele uma figura notória (BUCHANAN, 2009, p.285). O importante é ter em mente que existe uma diferença substancial entre Hitler e Guilherme II.

A despeito desse temor das elites dirigentes inglesas, os planos dessas duas figuras que envolviam a Europa eram razoavelmente diferentes. Os dois estavam preocupados com a Rússia, mas por motivos diferentes. Guilherme estava preocupado com a ampliação do poderio russo, enquanto Hitler, com o regime im-

plantado pelo Partido Bolchevique, em 1917. Ou seja, Guilherme estava mais preocupado com segurança do que com a ampliação das fronteiras alemãs na Europa – Guilherme não era a versão alemã de Bonaparte. Não havia um componente ideológico que pudesse movê-lo em direção ao Leste. Diferente de Hitler, por detrás dele não havia um Tratado de Versalhes, muito embora houvesse uma necessidade, tanto dele como de seu país, de se impor no cenário europeu naquelas últimas décadas do século XIX. Como frisou Carter, Guilherme encarnava a Alemanha — o que era reconhecido até por seus detratores. Era como se sua personalidade, ou as características mais marcantes dela — a suscetibilidade, a imprevisibilidade, a inquietação, a falta de resolução — tivesse ressonância num país que tinha 17 anos quando ele subiu ao trono, e que vivenciava ainda a sua própria adolescência: hipersensível a qualquer desfeita, super excitado com a ideia de exercitar os músculos, sujeito a súbitas mudanças de humor, preocupado em não parecer fraco, necessitado de reconhecimento (CARTER, 2013, p.182).

O que Guilherme tinha em mente, como revelou a um jornalista francês em 1900, era uma união aduaneira entre França, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Áustria-Hungria, Polônia e talvez Itália, Suécia e Noruega, liderados pela Alemanha, para fazer frente aos Estados Unidos (MACDONOGH, 2000, p.259-260). Detalhe: união aduaneira e não *política*. Quando de uma proposta de paz em 1916, os alemães fizeram saber das suas condições: a incorporação de Longwy-Briey da França, controle militar e econômico sobre a Bélgica, uma guarnição alemã em Amsterdã, a independência da Polônia, para criar uma barreira de contensão no leste contra a Rússia de seu primo Nicolau II, que apesar do vínculo familiar, representava uma ameaça para a Alemanha, e dos estados bálticos da costa oriental (TAYLOR, 1989, p.73). Mas isso não quer dizer que a Alemanha havia iniciado as hostilidades contra a França e a Bélgica por conta disso. A ideia era muito mais uma guerra preventiva, destinada a eliminar a França, para que tivessem a chance de esmagar a Rússia com força total – essa era sua verdadeira preocupação.

Esses objetivos de guerra, de fato, representavam uma ameaça à Inglaterra? Ou como perguntou Niall Ferguson, “se assemelhariam a uma estratégia napoleônica?” (FERGUSON, 1999 p.172).

Difícilmente. Tudo que as cláusulas econômicas do Programa de Setembro previam era a criação – oitenta anos antes – de uma união aduaneira europeia liderada pela Alemanha. (...) O projeto europeu da Alemanha não era uma questão de que a Inglaterra, com seu Império marítimo intacto não pudesse enfrentar (FERGUSON, 1999, p.172-173).

Na verdade, os objetivos alemães não representavam uma ameaça direta à Inglaterra. Ao contrário: “a redução do poderio russo na Europa do leste, a criação da

União Aduaneira da Europa Central e a tomada de colônias francesas, eram propósitos complementares aos interesses ingleses” (FERGUSON, 1999, p.444), pelo menos à época da Primeira Guerra.

A Inglaterra e o Império, não representavam para ele, Hitler, o que a Rússia de Stálin representava. E ele deixou isso muito claro — o Conde Ciano escrevendo em seu diário em 1940, quando Hitler tentava um acordo com a Inglaterra após a derrocada da França, frisou: “Encontro com o Führer (...). Confirmo minhas impressões de ontem. Ele gostaria de entrar em um entendimento com a Grã-Bretanha” (CIANO, 1980, p.453). Como disse Sir Roy Denman, “muito se tem escrito sobre a dificuldade de saber o que Hitler tinha em mente” (DENMAN, 1997, p63). O fato é que,

[de todo,] Hitler (...) não tinha desavença fundamental com a Inglaterra. Ao contrário de Guilherme II, ele não demonstrava vontade de rivalizar com a Marinha Britânica e nem de cobiçar o Império Britânico. Seus objetivos territoriais se concentravam na Europa Central e Oriental e mais a leste. [Nesse sentido,] jamais compreendeu por que os ingleses insistiram tanto em interferir [em seus planos] (DENMAN, 1997, p.129).

Apesar de ter deixado isso expresso, temos que ser cautelosos. Como escreveu Lukacs:

Não sabemos exatamente quais eram os objetivos de guerra fundamentais de Hitler. Essa pode ser uma afirmação surpreendente, mas é verdade. Um Terceiro Reich Alemão grande e poderoso, dominando a maior parte da Europa, incorporando a maior parte do leste europeu, sim; mas quais seriam os seus limites? Hitler não fez declarações explícitas sobre isso deliberadamente. Quando se tratava de fronteiras ou do governo de nações subjugadas, ele descartava a discussão repetidamente, afirmando que eram questões a decidir quando a guerra acabasse (LUKACS, 2002, p.204).

Em outra passagem, Lukacs resume as razões do porque de Hitler não querer dominar o mundo:

O que Hitler queria? Temos de tirar da cabeça certas ideias que fluem do que sabemos das monstruosidades de Hitler. Ele não queria conquistar o mundo. Sabia que não conseguiria. O mundo era grande demais para uma só nação controlar. Essa – e não só seu simplório respeito pelo imperialismo britânico – era a principal razão do grande desígnio de sua proposta: a América para os americanos, a Europa dominada pelo Terceiro Reich, o Império Britânico em grande parte intocado. Ele queria fazer seu Terceiro Reich mais poderoso, mais prestigioso, vital e saudável do que nunca; depois da guerra (como dizia com frequência a seu círculo íntimo) ele recorreria

a ocupações pacíficas. Estava interessado em construir, não [em] destruir; mas se para construir fosse preciso arrasar, que assim fosse – sem exceções e sem misericórdia. Esta era a natureza categórica e a natureza impiedosa da mente desse homem (LUKACS, 2002, p.149-150).

E isso faz sentido. Como frisou Buchanan, se ele, Hitler, não desejava aniquilar o Império Britânico, como se pode dizer que ele pretendia dominar o mundo? (BUCHANAN, 2009, p.279). Se assim fosse, se quisesse realmente dominar o mundo, seu foco não seria a Rússia de Stalin, mas a Inglaterra de Chamberlain. Sua guerra não seria ideológica, mas movida por ambições políticas e econômicas.

Ele queria a Inglaterra como um aliado. E esse era um desejo antigo. Tanto que entre 1933, quando chegou ao poder, e 1939, até a invasão da Polônia, Hitler jamais atçou o fogo do revanchismo nos territórios que a Alemanha perdera no Ocidente em Versalhes. A região norte de Schelwing, pela qual Bismarck entrara em guerra com a Dinamarca, continuava com ela, Eupen e Malmédy com a Bélgica, e Alsácia e Lorena, que foram devolvidas a França, não foram reclamadas – se o preço de uma Inglaterra neutra ou amigável era desistir de reivindicações alemãs em relação aos territórios perdidos em Versalhes, Hitler estava disposto a pagá-lo (BUCHANAN, 2009, p.270-280). Ele sabia que se tentasse reaver Alsácia e Lorena da mesma maneira que fez com os Sudetos ou a Áustria, teria problemas com a França, e por tabela com a Inglaterra. Nesse sentido, ele não tinha alternativa.

Em 1940, depois da derrocada francesa, Hitler fez um gesto de aproximação. A seu círculo mais próximo chegou até mesmo sugerir que havia deixado os ingleses resgatarem seu exército em Dunquerque como prova de que seria benevolente com eles se entrassem em um acordo (LUKACS, 2002, p.87). A recusa britânica deixa-o furioso. Em 3 de julho o Conde Ciano escreveu em seu diário: “Amanha estarei em Berlim e talvez Hitler falará: [fará] um discurso de paz? [ou] um sobre guerra total contra Grã-Bretanha?” Dias depois, em 19 de julho, data do discurso de Hitler, escreveu: “Tarde da noite, quando chegaram as primeiras e frias reações inglesas ao discurso, espalha-se entre os alemães um mal disfarçado desapontamento” (CIANO, 1980, p.450 e 453). A essa altura, para Hitler, os ingleses não passavam de um bando de intransigentes, daí ter ordenado os preparativos para a invasão. Como frisou Lukacs, a partir daí seu antigo respeito pelos britânicos começou a desvanecer. Não só tentaria submetê-los a força, iria puni-los – uma reação semelhante ao tratamento dispensado aos poloneses em 1939. No verão de 1940, Hitler ainda dizia que será deplorável a dissolução do Império Britânico, que seria herdado pelos Estados Unidos e o Japão. Quatro anos depois, falaria com prazer sobre o encolhimento do Império e da redução da Grã-Bretanha

a uma ilha trêmula e esfomeada. Em junho de 1940 ainda relutava em ordenar o bombardeio a Grã-Bretanha. Quatro anos depois ordenaria a destruição de Londres com seus foguetes (LUKACS, 2002, p.150-151).

Como Churchill E.M.Forster era inflexível quando o assunto era Hitler. Escrevendo em 1940, ele deixou isso muito claro. Na transmissão *Culture and Freedom* [Cultura e Liberdade], ele disse:

(...) Creio que, se o nazismo vencer, a cultura será destruída na Inglaterra e no Império. Na Guerra do Kaiser, a Alemanha era apenas um país hostil. Ela e a Inglaterra eram inimigas, mas pertenciam à mesma civilização. Na Guerra de Hitler, a Alemanha não é um país hostil, ela é um princípio hostil. Ela introduziu uma nova e péssima forma de vida, e se ela vencer, ela certamente destruirá nossos costumes. Não existe um mesmo espaço no mundo para a Alemanha nazista e para pessoas que não pensam como ela (FORSTER, 1951, p.31).

E acrescenta: “Em minha visão limitada, a Alemanha de Hitler é criminosa (...) e comandará uma Era de derramamento de sangue” (FORSTER, 1951, p.34).

Assim ele se expressou durante a Batalha da Inglaterra, de uma maneira direta, sem rodeios, embora um tanto equivocado em suas projeções com relação aos objetivos de Hitler e ao tratamento que os ingleses receberiam caso fossem derrotados.

Conclusões

Os temores de E.M.Forster não eram infundados — a perspectiva da ocupação e seus desdobramentos falam por si. Mas como vimos, Hitler queria um acordo. Ele só mudou de opinião durante a Batalha da Inglaterra, após Berlim ter sido atingida por bombardeios britânicos. Isso alimentou um ódio que o fez perder qualquer respeito que tivesse pela Inglaterra e seu Império até então.

Embora seus temores não sejam infundados, E.M.Forster forçou e distorceu as coisas quando falou de uma possível ocupação da Inglaterra não por falta de informação do que acontecia no Leste, mas no próprio Ocidente. Numa carta a John Simpson, de 21 de março de 1943, ele nos dá uma noção de como andava seu humor nessa época:

Estou todo irritado com o discurso odioso e impiedoso e evasivo de Churchill, e também com muito do que chega até nós [através] do rádio (...). De qualquer maneira, eu [já] estava um pouco nervoso, tanto que estava transcrevendo e destruindo as cartas de Charles Mauron há mais de um dia, [quan-

do] acabei percebendo que não o veremos mais, [e como se não bastasse tudo isso], tenho que aguentar esse velho caduco de dentadura me dizer que vivemos uma era gloriosa. (FORSTER, 1988, p.324).

Numa carta a William Plomer, no mesmo dia, Forster fala que estava relendo as cartas “do meu amado amigo e desaparecido Charles Mauron,” (FURBANK;LAGO, 1985, p. 202)de quem ele não tinha notícias. De fato, o contato foi restabelecido em 1944, depois que a França foi libertada. Mas que importância tem isso? O fato de ter pedido contato com Mauron sugere o quanto a comunicação entre a Inglaterra e o Continente deve ter ficado difícil durante a ocupação, e que por conta disso, talvez E.M.Forster realmente ignorasse muito do que vinha ocorrendo ali. Mas ainda assim é estranho o fato dele estar bem informado a respeito do que acontecia no Leste e ignorar o que se dava na França!

De qualquer maneira, não podemos nos esquecer que ele estava falando em cadeia nacional de rádio e que a B.B.C. sempre arrogou para si imensas responsabilidades quanto ao conteúdo que ia ao ar. O tom dos tipos de restrições impostas aparece resumido num manual preparado pela B.B.C., em 1948, para uso interno. A responsabilidade moral que a B.B.C. apregoou para si é visível: “A influência que [a B.B.C.] pode exercer aos ouvintes é imensa, e a responsabilidade por altos padrões e bom gosto é igualmente grande.” Por isso mesmo, piadas sobre religião eram proibidas; qualquer comentário com teor sexual, de qualquer natureza, eram proscritas; não se podia fazer referências a banheiros e tampouco fazer alusão com duplo sentido a roupas íntimas femininas; integrantes do Parlamento não podiam participar de programas de rádio que pudessem ser “indignos ou impróprios” para figuras públicas (JUDT, 2008, p.240-241).

A realidade aqui era a de que Hitler queria um acordo e que a Inglaterra teria um tratamento parecido com o que tiveram outros países europeus ocidentais. Mas ao que tudo indica E.M.Forster ignorava o que acontecia no Continente, e por isso ele cometeu alguns equívocos quando levou ao ar essas transmissões falando do que aconteceria se a invasão tivesse se concretizado.

Fontes Impressas

FORSTER, Edward Morgan. *Two Cheers for Democracy*. New York: A Harvest Book & Harcourt Brace & Company, 1951.

_____. GARDNER, Philip (org.) *The Journals and Diaries of E.M.Forster*. New York: Ashgate USA, 2011.

Referências

- APPLEBAUM, Anne. *Gulag: uma história dos campos de prisioneiros soviéticos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.
- BLOCH, Marc. *A Estranha Derrota*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- BUCHANAN, Patrick J. *Churchill, Hitler e a Guerra Desnecessária*. São Paulo: Nova Fronteira, 2009.
- CARTER, Miranda. *Os Três Imperadores: Três Primos, Três Impérios e o caminho para a Primeira Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- DENMAN, Roy. *Missed Chances: Britain and Europe in the Twentieth Century*. London: Indigo, 1997, p.129.
- FERGUSON, Nial. *The Pitty War*. Nova York: Basic, 1972.
- FURBANK, P.N.; LAGO, Mary. (ed.) *Selected Letters of E.M.Forster: volume one: 1879-1920*. Cambridge: Belknap Press and Harvard University, 1983.
- _____.; _____. (ed.). *Selected Letters of E.M.Forster: volume two: 1921-1970*. Cambridge: Belknap Press and Harvard University, 1985.
- JUDT, Tony. *Pós-guerra: Uma história da Europa após 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- LUKAS, John. *Cinco Dias em Londres: negociações que mudaram o Rumo da II Guerra*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. *O Duelo Churchill x Hitler: 80 dias cruciais da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- _____. *Junho de 1941: Hitler e Stalin*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- MACDONOGH, Giles. *The Last Kaiser: The Life of Wilhelm II*. New York: St. Martin's Press, 2000.
- MAZOWER, Mark. *O Império de Hitler: A Europa sob domínio Nazista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

TAYLOR, A.J.P. *Historia de Inglaterra: 1914-1945*. Ciudad do Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1989.

TAYLOR, A.J.P. *The Origins of The Second World War*. London: Penguin, 1991.

STEIN, Gertrude. *Guerrasque he visto*. Barcelona: Debolsillo, 2003.

WOOLF, Virginia. *Diários: Primeiro volume: 1915-1926*. Lisboa: Bertrand, 1985.

_____. *Diários: Segundo volume: 1927-1941*. Lisboa: Bertrand, 1987.